



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM PERFORMANCES  
CULTURAIS

RODRIGO PEIXOTO BARBARA

**ARTAUD-NIETZSCHE-DELEUZE:  
dobras da crueldade**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais, da Escola de Música e Artes Cênicas – EMAC/UFG, como requisito parcial para a conclusão do mestrado.

**Mestrando:** Rodrigo Peixoto Barbara

**Orientador:** Professor PhD Paulo Petronilio Corrêa

**Linha de pesquisa:** Espaços, Materialidades e Teatralidades

Goiânia-Goiás  
2015

## SUMÁRIO

### **DOBRAS INTRODUTÓRIAS**

#### **I - DOBRA - Nietzsche e a Máscara da Crueldade**

- I.I - Dionísio, Deus Cruel e Trágico
- I.II - A morte de Deus, do Sujeito e do Homem
- I.III - O Trágico e a Alegria como Crueldade

#### **II - (DES)DOBRA - Teatro da crueldade e o Fechamento da Representação**

- II.I - O Platô Artaud-Derrida
- II.II - Crueldade como acontecimento
- II.III - O Teatro e o Duplo

#### **III - (RE) DOBRA - O Corpo sem Órgãos e Desejo Cruel**

- III.I - O Platô Deleuze-Artaud
  - III.II - Para por fim ao juízo de Deus
  - III.III - Estética da Diferença
- Dobra Fora, o Fora é signo da crueldade

### **DOBRAS (IN) CONCLUSIVAS**

### **8 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

## 1 - INTRODUÇÃO

““Amarelos”: assim são chamados os pregadores da morte; ou então “os negros”. Mas eu quero mostrá-los noutras cores.”

**Assim falou Zaratustra**  
(NIETZSCHE, 2012, p. 71)

“O meu corpo é como a cidade de Deus, não tem lugar, mas é de lá que se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos.”

**O Corpo Utópico**  
(FOUCAULT, 2010)

E o corpo perde-pede a voz! Em um lapso de crise ele se bifurca e se metamorfoseia ora sendo um, ora sendo nenhum, ora sendo o tudo, a totalidade em quase um total de nada, de vazio, de queixas e deixas que ele deixa pelo caminho, pelo seu próprio caminho que é sem dúvidas, para não ter certeza de nada, um descaminho muito fluido. Fluido dele e por ele mesmo. É preciso dar conta do corpo. É preciso? E quem dará conta dele se nem ele mesmo dá? Então, é necessário não dar conta, e, para isso, é importante não dar conta mesmo, pois fácil é dar conta de algo feito para dar conta, mas o corpo, ah!, esse não foi feito para tal fim. Não foi feito para o fim.

Nesse propósito, propósito do próprio corpo, ou pelo menos desse corpo sem finalidade, é que se resvala as linhas de fuga desse projeto que tende a ser mais uma esquizo-escrita de uma dissertação, do que uma dissertação acadêmica, feita por um acadêmico em prol de uma academia muito cheia de saberes, cheia de si, e que na realidade, já está, sim, cheia de si, quase a ponto de ser outra, ou outras.

Para tanto, não podendo ser diferente, e bem aventurado a permissão de poder ser mais uma vez diferente, é que essa pesquisa se desliza na filosofia<sup>1</sup> antiaderente do poeta, ator e dramaturgo francês, Antonin Artaud, afetado pelo filósofo alemão, Friedrich Nietzsche, e que afetou os filósofos franceses Gilles Deleuze e Jacques Derrida, para que juntos, em uma máquina desejante do pensamento, possamos dar a esse corpo, o que há tempos ele realmente merece.

---

<sup>1</sup> Se pegarmos a biografia de Antonin Artaud, não acharemos informações de que ele seja um filósofo e nem que tenha escrito filosofias, mas, fundamentado por Deleuze e Guattari, no livro, ‘O que é a filosofia?’, onde pontuam que “o filósofo é amigo do conceito, ele é conceito em potência” (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p. 11) ouse me aproximar de Artaud o considerando um escritor-filósofo gago da sua própria língua.

O interesse por Artaud, Nietzsche, Deleuze e Derrida surge de uma conexão de pensamentos. Ambos os autores tem um diálogo muito fértil acerca do mundo e da cultura que estamos inseridos e que ajudamos a constituir. Porém, um mundo e uma cultura que vão contra as suas próprias constituições, que se desatam dos nós estabelecidos, que rompem com as barreiras, que desenvolvem a anarquia do sistema e que promovem caos na normalidade. Portanto, o que será redigido nesse projeto e logo mais colocado como uma esquizo-dissertação de mestrado, perpassa pelas ruínas de um ser/artista em total desarmonia, delírio e caos criativo.

Antes de dar continuidade, convido-vos a um breve passeio pela história dessa proposta:

Esse estudo vem amparado pelas minhas vivências práticas e teóricas iniciadas na graduação e tinha como foco inicial desenvolver um trabalho corporal do Performer<sup>2</sup> cênico, tendo como investigação, a somato-psicopedagogia, método terapêutico difundido pelo fisioterapeuta, osteopata e doutor em Ciência da Educação, Danis Bois. Com o processo necessário de ir talhando a pesquisa, esta, antiaderente, foi-se desgrudando da somato-psicopedagogia e tomando outro rumo, este, assemelhando com a reflexão de Deleuze e Parnet (2004), ao se referirem a palavra substituível, “se alguma não vos convém, agarrem noutra, ponham outra no lugar” (p. 13).

Assim, o estudo acerca da Performance Cênica Corporal não deixou de ser um interesse pessoal, artístico e acadêmico, mas alçou outros voos. Ao perpassar por essas crises de reorganização constante, no intuito de promover um lugar propício para a presente proposta, e dar continuidade à sua elaboração, foi que me coloquei no desconfortante confronto sugerido pela sua própria antiaderência. Então, surge permeando o labirinto rizomático, o diálogo fundamental desta, com as filosofias de Artaud, Nietzsche, Deleuze e Derrida. A vertente epistemológica do trabalho agora era outra.

Pensar o Corpo na Performance, neste trabalho, tendo como respaldo um processo filosófico nômade, faz-se fundamental, pelo teor da escrita, pensar em uma diferença fundada nas devassas curvas de um pensamento denominado como ‘Filosofia da Diferença’. Para tanto, é necessário primeiramente pensar a Diferença à luz da Diferença, onde a mesma, para Deleuze (2000) “não é o diverso. O diverso é dado. Mas a diferença é aquilo pelo qual o dado

---

<sup>2</sup> Performer, com letra maiúscula, é um homem de acção. Ele não é alguém que faz de outro. Ele é um fazedor, um sacerdote, um guerreiro: está fora dos géneros estéticos (GROTOWSKI, 2010).

é dado. É aquilo pelo qual o dado é dado como diverso. A diferença não é o fenômeno, mas o número mais próximo do fenômeno” (p. 209), e ainda,

é preciso que a diferença seja em si mesma articulação e ligação, que ela relacione o diferente ao diferente sem qualquer mediação pelo idêntico, pelo semelhante, pelo análogo ou pelo oposto. É preciso uma diferenciação da diferença, um em-si como diferenciante, um *Sich-unterscheidende*, pelo qual o diferente é ao mesmo tempo reunido, em vez de ser representado sob a condição de uma semelhança, de uma identidade, de uma analogia, de uma oposição prévias. Quanto a estas instâncias, deixando de ser condições, elas são apenas efeitos da diferença primeira e de sua diferenciação, efeitos de conjunto ou de superfície que caracterizam o mundo desnaturado da representação e que exprimem a maneira pela qual o em-si da diferença oculta a si próprio ao suscitar aquilo que o recobre (Ibidem, p. 116, 117).

A Diferença definida por Deleuze se torna um espaço propício para se pensar o Corpo na Performance, e a Performance, enquanto ação, interação e relação, definida por Schechner (2006), o lugar onde se pode perpassar o pensamento desterritorializante da Diferença. E aqui se abre fronteiras de ambas as abordagens, a um Fora que é tão dentro quanto o próprio dentro de cada um desses pensamentos. Desloca e esboça um posicionamento nômade.

Partindo dessas e nessas dobras, o que se coloca com esse estudo, é um provocar de e no pensamento, rasgar as vestes dos conceitos do Corpo, da Representação e da Performance, e costurar, no plano de imanência, um entre-remendos, fabricando, criando e afirmando como propõe Deleuze e Guattari (2010), outro conceito, uma outra proposta, um outro desvio de olhar, ou mais ainda, uma desterritorialização do próprio conceito.

Para tal, se pensará essa cartografia pelo agenciamento da Crueldade e do Corpo sem Órgãos. A crueldade e o CsO<sup>3</sup>, serão as linhas de fugas de um pensamento em Devir, uma escritura “num processo, ou seja, numa passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido” (DELEUZE, 1997, p.11). Esse Devir-escritura, se emaranhando pela Crueldade e pelo CsO, ambos conceitos difundidos por Artaud, tenderá a uma conexão com o corpo-margem, com o corpo-nômade, com o corpo potência do Fora. Uma conexão com o Fora que não se desconecta e só é Fora porque é conexão.

A Crueldade, termo propriamente dito, artaudiano, que subverteu o teatro pós Artaud, vem nesse processo de escrita nômade, subverter palavras, frases, parágrafos e o texto inteiro de uma dança textual do corpo afetado pelo desejo, pela desorganização, pelo caos, fazendo um furo nos padrões normativos, bagunçando as estruturas, seguindo um fluxo que desestabiliza, virando o corpo às avessas, promovendo uma dança às avessas, uma

---

<sup>3</sup> No decorrer do texto se usará apenas essa abreviação do ‘Corpo sem Órgãos’.

comunicação efervescente com o CsO . “Pois bem, imaginei um teatro da crueldade que dança e que berra para fazer cair os órgãos e varrê-los de todos os micróbios, e na anatomia sem fendas-feridas do homem, já limpa tudo que era lixo fazer sem deus reinar a saúde” (ARTAUD, 1975, p. 142). É também “numa perspectiva da crueldade que se espraia pela existência, que as possibilidades de um existir-outro se tornam transbordantes” (FREITAS, 2010, p. 29).

Nesse embalo filosófico, outro conceito a ser abordado nessa pesquisa será o conceito de CsO. Tal conceito foi pensando pela primeira vez por Artaud no intuito transgressor de libertar o corpo de todos os seus automatismos e, para tanto, escreveu que

El hombre está enfermo porque está mal construido. Átenme si quieren, pero tenemos que desnudar al hombre para rasparle esse micróbio que lo pica mortalmente, dios, y com dios sus órganos porque no hay nada más inútil que um órgano. Cuando ustedes le hayan hecho um cuerpo sin órganos lo habrán liberado de todos sus automatismos y lo habrán devuelto a su liberdade. Entonces podrán enseñarle a danzar al revés como en el delírio de los bailes populares y esse revés será su verdadero lugar (ARTAUD, 1975, p. 30, 31).

Como pudemos notar nos dois parágrafos anteriores, há uma amizade fecunda entre Crueldade e CsO. Há um trajeto que sai de um e afeta o outro. Ambos participam de um rizoma metafísico que ora está aqui, caminhando por entre a gente, ora se esvai, é carne e espírito, é concreto e abstrato ao mesmo tempo, evoluem e regridem, trespassam a nossa condição carnal humana/mundana, pisam em nossas dores, mostram nossas angústias, nos desbotam em nós mesmos. Tanto as dores quanto as angústias aqui elucidadas são incômodos nossos que estamos acostumados com o conforto da rotina. Crueldade e CsO não se conformam com a rotina e vieram para incomodar, nos sentidos mais intensos e tensos do termo.

A crueldade é o princípio imanente do trágico, e o empirismo transcendental o seu domínio [...] Empirismo transcendental quer dizer experimentar, criar e inventar. Criar para sim um Corpo sem Órgãos significa abrir para novas experimentações, lá onde não há mais lugar nem para o *bom senso* nem para o *senso-comum* (CARDOSO, 2006, p. 66, grifos do autor).

Depois de Artaud, que trouxe a oportunidade de discutir os dois conceitos abordados anteriormente, Deleuze e Derrida foram os que se apropriaram de ambos os conceitos e elaboraram, em outra potência de pensamentos, os seus ‘entre lugares’ (rizoma), e, desses lugares, nos permite pensar um corpo que seja fluxo e corte, poroso, permeável, um corpo aberto “a conexões que supõe todo um agenciamento, circuitos, conjunções, superposições e limiares, passagens e distribuições de intensidades, territórios e desterritorializações medidas

à maneira de um agrimensor” (DELEUZE, GUATTARI, 1996, p. 22). Deleuze se apropria do conceito de CsO e Derrida do conceito de Crueldade.

Partindo dessas duas vertentes, que em um entrelaçamento no plano de imanência das filosofias rizomáticas de Artaud, Nietzsche, Deleuze e Derrida se fundem e se confundem em uma só, é que me aproprio dos presentes conceitos, desterritorializando-o, para pensar uma escritura cujo fluxo percorre pela Crueldade à uma performance do CsO.

No entanto, para pensarmos a Crueldade, pensarmos o Corpo sem Órgãos trespassado por uma poética Cruel, necessitamo-nos deixar ser afetados por Nietzsche, aquele que primeiramente sacramentou a Crueldade colocando na boca de Zaratustra, logo no prólogo, o anúncio da morte de Deus:

“E o que faz o santo na floresta?”, indagou Zaratustra. O santo respondeu: “Faço canções e as canto; e, quando faço canções, rio, choro e falo de mim para mim: assim louvo Deus. Cantando, Chorando, rindo e falando de mim para mim, louvo o Deus que é o meu Deus. Mas tu, que nos trazes de presente?” Ao ouvir essas palavras, despediu-se Zaratustra do santo, dizendo: “Que teria eu para dar-vos? Mas deixai-me ir embora depressa, antes que vos tire alguma coisa!” E assim se separaram, o velho e o homem, rindo como dois meninos. Mas, quando ficou só, Zaratustra falou assim ao seu próprio coração: “Será possível? Esse velho santo, em sua floresta, ainda não soube que *Deus está morto!*” (NIETZSCHE, 2010, p.35).

Com o anúncio da morte de Deus, Nietzsche põe abaixo de maneira cruel, o Véu de Maya da representação, abala as estruturas de uma filosofia pura e cheia de convencimentos, acende uma fogueira bem debaixo dos pés dos filósofos da seriedade, do bom juízo, da essência e do puritanismo. Um filósofo sem dúvida com o desejo cruel latente, a florado. Em sua obra, “O nascimento da tragédia ou Helenismo e pessimismo” Nietzsche aponta apolineamente um caminho de belos enredos e de parágrafos construídos harmoniosamente. É uma ação muito difícil ler o nascimento da tragédia sem antes morrer nela. Sem antes ter feito da leitura dessa obra nossa própria tragédia. Para tal, não seria possível, ou, para trabalhar com a relação de via dupla, seria impossível transitar no pensamento trágico e da tragédia de Nietzsche sem ingressar na transgressão cambaleante de Dionísio. “Em vez de medida, delimitação, calma, tranquilidade, serenidade apolíneas, o que se manifesta na experiência dionisíaca é a Hybris, a desmesura, a desmedida” (MACHADO, 2005, p. 8) e ainda, Dionísio é o único personagem trágico e Apolo é o que desenvolve o trágico em drama, assim sendo, “o drama é, portanto, a representação de noções e de ações dionisíacas sob uma forma e num mundo apolíneo” (DELEUZE, 2001, p. 21).

Nietzsche, em sua obra, desterritorializa o entendimento de tragédia ao libertar do pensamento, o peso desnecessariamente sério que muitos pensam que ela possui. O filósofo

nos brinda com uma tragédia da alegria, da dança, da música, da vida desbotada em arte, em suas mais diversas cores, indo contra um pensamento Euripidiano ou Socrático, onde,

Eurípedes foi, em certo sentido, apenas máscara: a divindade, que falava pela sua boca, não era Dionísio, tampouco Apolo, porém um demônio de recentíssimo nascimento, chamado Sócrates. Eis a nova contradição: o dionisíaco e o socrático, e por causa dela a obra de arte da tragédia grega foi abaixo (NIETZSCHE, 1992, p.79).

A esses homens sérios, Sócrates, por exemplo, que considerou a tragédia como irracional, causas sem efeito, efeito sem causas e o poeta trágico sem consciência e clareza do que faz (MACHADO, 2005), Nietzsche, no fim do seu prefácio a Richard Wagner, destina uma reflexão onde diz “estar convencido de que a arte é a tarefa suprema e a atividade propriamente metafísica desta vida” (NIETZSCHE, 1992, p. 26). O autor em questão ironiza ao dizer, ainda neste prefácio, que para pensadores sérios, pensar a arte trágica como séria era impossível, e tratar a arte com seriedade, algo escandaloso.

Nietzsche evidencia na presente obra a arte musical como o próprio espírito da tragédia, o que faz Dionísio dançar, o que caotiza, que faz do chão um espaço para um grande, sagrado e profano ritual. Um espaço desterritorializante para a criação. Quem compõe, pari a música, cria a tragédia da e para a sua tragédia. Quem sente a música, num devir-música, cria espaço para a música, cria para si um corpo sem órgãos musical. “Criar é aligeirar, é descarregar a vida, inventar novas possibilidades de vida. O criador é legislador-dançarino” (DELEUZE, 2009, p. 20). Acredito que para Nietzsche, com a música, a tragédia (re)nasceu, diariamente a tragédia está a nascer.

Nietzsche, na trança epistemológica desse trabalho vem no intuito de promover o diálogo com os outros autores aqui elucidados, de proporcionar pontos de fugas em uma proposta que subsiste pela necessidade do fechamento da representação, como pontua Derrida. Vem para promover rachaduras e nos tirar do conforto. Vem para apresentar o duo: Apolo e Dionísio e mostrar que a aliança e a reconciliação entre ambos os princípios, ao invés de seus antagonismos, possibilitou o nascimento da tragédia (MACHADO, 2005):

Apolo, deus da beleza, cujos lemas são “Conhece-te a ti mesmo” e “Nada em demasia” [...] Apolo é o brilhante, o resplandecente, o solar. [...] Por outro lado, intrinsecamente ligada à idéia de brilho está a de aparência. Pois conceber o mundo apolíneo como brilhante significa não só criar uma proteção contra o sombrio, o tenebroso da vida, mas principalmente criar um tipo específico de proteção: a proteção pela aparência. [...] Já o dionisíaco é pensado por Nietzsche a partir do culto das bacantes: cortejos orgiásticos de mulheres que, em transe coletivo, dançando, cantando e tocando tamborins em honra de Dionísio, à noite, nas montanhas, invadiram a Grécia vindos da Ásia. [...] trata-se de uma experiência de reconciliação das pessoas com as pessoas e com a natureza, uma harmonia universal, um sentimento místico de unidade. [...] o dionisíaco produz a desintegração do eu, a



abolição da subjetividade; produz o entusiasmo, o enfeitiçamento, o abandono ao êxtase divino, à loucura mística do deus da possessão (MACHADO, 2005, p.7,8, grifos do autor).

No entanto, a aliança entre Apolo e Dionísio ressaltado por Machado, propõe, dentro desse rizoma investigativo, caminhos de costuras para o presente trabalho. São dois caminhos e permeando-os, encontramos dentro de cada um, uma multiplicidade de entradas e saídas, estas que permitem a pesquisa se perder e se achar apolínea e dionisiacamente. Que horas se pisa no terreiro de Apolo? Em que momento se surfa nas ondas de Dionísio? Pensar a trama do estudo em questão nessa olaria é deixar ir-se afinando, ora limpando, ora colocando mais barro.

Com o respaldo cruel-trágico de Nietzsche, Artaud, Deleuze e Derrida, na Crueldade, no CsO e na Performance completam e compõe a estrutura deste trabalho. Estrutura pela perspectiva pós-estruturalista, ou seja, uma estrutura no modo radical, na qual a mesma pode ser vista “como o limite do conhecimento de uma coisa, onde tal limite é a condição para a evolução e a intensidade viva de algo. Estrutura é uma parte viva das coisas. É-lhes a intensidade e a fonte do vir a ser e da mudança” (WILLIAMS, 2013, p.84).

No entanto deslizar-se-á sobre a areia movediça desses pensamentos nômades, roubando, capturando, descobrindo para criar uma pesquisa com charme e estilo (DELEUZE; PARNET, 2004), inventando um povo que falta (DELEUZE, 2011), dando voz à pesquisa que nasce, digo ela, libertando-a de mim, de um eu, propiciando o que Blanchot chamou de neutro. Um espaço neutro para o estudo, onde o próprio proponente desta, seja um vidente, um ouvitor, mal visto, mal dito, um colorista, um músico (DELEUZE, 2011).

## 2 - JUSTIFICATIVA

A pesquisa, **Antonin Artaud**: da crueldade à performance do Corpo sem Órgãos surge, como já discorrido, do meu contato com as Performances, em específico com as Performances Cênicas, e de um movimento apreciador/investigativo das Filosofias de Artaud, Nietzsche, Deleuze e Derrida. Da vivência à elaboração de uma proposta que possa permitir, ao campo das Performances, ampliar os estudos acerca das dobras TRANSformativas-criativas que esta implica.

Partindo do agenciamento dessas afetações, a proposta apresentada por este estudo faz-se necessária uma vez que, partindo de outras pesquisas, procura proporcionar um

diálogo, um fluxo de ideias, uma confluência de forças, no intuito de encontrar o que Artaud apud Quilici (2004) denominou como “ponto fosforoso”, pois, como afirmou Deleuze,

os conceitos precisam ser inventados e isso não se faz senão no embate, no confronto ou mesmo no agenciamento com outros conceitos. Como veremos, um conceito é sempre um composto que remete a outros conceitos e a outros planos de imanência. É assim que um filósofo pode reativar um conceito de outro filósofo e imprimir nele sua própria marca, impondo novas conexões e produzindo novas interpretações (SCHÖPKE, 2004, p. 14).

O ponto fosforoso deste trabalho é pensar um desvio no olhar do, no e para Corpo na Performance, à luz da Filosofia de Artaud, Nietzsche, Deleuze e Derrida. Geografar a escritura de uma performance/corpo nômade, (des)dobrando-a, tendo como pulsão o pensamento dos filósofos em questão acerca da Crueldade e do CsO. Incitar lados, dobras, em um trabalho de ousadia, um tanto quanto desafiador e dificultoso, pois requer vôos para além das estruturas estabelecidas, um estado de Fora, onde necessita-se fazer “errante, um exilado que se deixa levar pelo imprevisível de um espaço sem lugar, pelo inesperado de uma palavra que não começou, de um livro que está ainda e sempre por vir” (LEVY, 2011, p.35).

Tanto o conceito de Crueldade como o de CsO aqui abraçados permitem pensar um estudo/criação capaz, assim como pontua Brito,

de mobilizar “nervos e coração”, capaz de sacudir magicamente o espectador<sup>4</sup> na totalidade do seu ser. O espetáculo do Teatro da Crueldade vem a ser dirigido para todo o organismo, em busca de uma experiência estética de total associação entre corpo e espírito, inteligência e emoção (BRITO, 2009, p. 69).

Assim sendo, este estudo, gerenciando o encontro do Corpo com a esquizofrenia de Artaud, com a Diferença e desconstrução de Nietzsche, Deleuze e Derrida, com o nomadismo de tais abordagens, de pensar uma Performance do Corpo é uma nova proposta, cujo conceito de “novo” perpassa o que Nietzsche e Deleuze chamou de “aquilo que ativa o pensamento, que o força a “pensar”, que o impele a agir (sendo que a ação do pensamento é a sua própria criação)” (SCHÖPKE, 2004, p. 32, grifos a autora).

Propõe-se, também, uma rachadura no chão da Performance enquanto território de expressão do corpo, permitindo-a, escorrer, adentrar pelos poros de outros conceitos, invadir outros espaços, tomar partindo de outras características, fazendo de sua face, faces e de seu útero, um fervilhar de ventres. Embaralhar, provocar o caos, fazer uma performance com a

---

<sup>4</sup> Aqui a citação é fundada em um espetáculo teatral da Crueldade, porém, o termo espectador pode ser lido também como ‘escritor’ e ‘leitor’ sem prejuízo do sentido da citação.

própria performance, imprimindo, na via Transportado-Transformado de Schechner (2011), “uma circuncisão, susto, tatuagem, doações de novas roupas, ornamentos, artefatos” (p. 167).

Uma proposta que tenha a culminância em uma Linguagem/Literatura ao Infinito, “que vem colocar seu murmúrio entre tantos outros – após todos os outros, antes de todos os outros” (FOUCAULT, 2009, p. 59). Que tenha a pretensão de cutucar, de espremer para liberar a secreção, e, enxergar a cor dessa secreção até então escondida. Ela tem cheiro? Incomoda? Como é seu funcionamento? O que ela move?

Alguns outros problemas surgem como afetações propulsoras para o desenvolvimento desse estudo. Ao transitarmos pelas obras tanto de Artaud quanto as de Deleuze e Derrida, podemos notar, como já elucidado, a forte influência do primeiro autor em relação ao segundo e terceiro e como que todos os três foram afetados por Nietzsche. Sendo assim, em um fluxo transeunte entre essas potências de pensamentos, a proposta dessa cartografia, dessa investigação acerca do corpo anarquista, rebelde, à margem, que duela contra toda uma corrente representativa, clássica, contra todo um padrão normativo, vem investigar como que o conceito de Crueldade e CsO, das filosofias de Artaud, com apropriações de Deleuze e Derrida, pode contribuir com a cartografia de uma Performance do corpo. Outras indagações, neste âmbito, ainda se fazem pertinentes:

- ✓ Como se dá a constituição desse corpo? Ou será uma desconstituição do corpo?
- ✓ A que, e a quem ele responde, corresponde e contraria?
- ✓ Diálogo-duelo entre corpo profano e corpo normativo. Sendo assim, qual espaço para a discussão desse corpo? E mais ainda, qual o espaço para a exploração/investigação e degustação desse corpo?
- ✓ Seria o espaço da performance um dos espaços desse corpo? E Como seria essa performance? Como seria a constituição desse Corpo em Performance?

Essa pesquisa é afetada por esses pensamentos e se justifica, conglomerando com o teor de cada proposta, aqui colocada, no intuito de afetar outros pensamentos, que como máquina de guerra é “capaz de produzir uma existência singular, um “modo de existir” ético e estético para lá das práticas sociais vigentes. Em outras palavras, são modos de vida inspirando maneiras de pensar e modos de pensar inspirando maneiras de viver” (SCHÖPKE, 2004, p. 28, grifos da autora).

### **3 - OBJETIVOS**

#### ***3.1 – Objetivo Geral***

- Cartografar as linhas de fuga de um pensamento que percorrerá da Crueldade à performance do CsO fundamentadas nas filosofias de Nietzsche, Artaud, Deleuze e Derrida.

#### ***3.2 – Objetivos Específicos***

- Adentrar as vertentes das Filosofias de Nietzsche, Artaud, Deleuze e Derrida;
- Geografar os ‘entres’ das Filosofias Nietzsche, Artaud, Deleuze e Derrida;
- Elucidar as escrituras filosóficas Nietzsche, Artaud, Deleuze e Derrida como potência performática;
- Estudar e aprofundar no conceito de Crueldade;
- Estudar e aprofundar no conceito de CsO;
- Elucidar o diálogo entre Crueldade e Corpo sem Órgãos;
- Propor um trajeto performático da Crueldade ao CsO.

### **4 - REFERÊNCIAL TEÓRICO**

O estudo proposto neste projeto fundamentar-se-á em teorias cujos rizomas do pensamento extrapolam as barreiras do próprio pensar. Teorias/pensamentos que, como “atividade criadora” (SCHÖPKE, 2004), como máquina de guerra, afetam, pois “é preciso afetar e ser afetado para poder pensar” (LEVY, 2011, p.85). Esta pesquisa surge e seguirá seu percurso movido pelas afetações.

As literaturas selecionadas, no intuito proposto, embasarão em um diálogo com outras teorias, todo o processo da dissertação, e, no entanto, foram pensadas a partir das palavras-chave deste trabalho: Crueldade, CsO e Performance. Para tal desaguar, a conversação se focará no pensamento de Artaud, perpassando pelo jogo de contaminação Nietzsche, Deleuze e Derrida. No entanto, a proposta se fundamenta na conversação entre essas quatro filosofias, fazendo-se necessário, também, diálogos com Blanchot, Foucault, Guattari e Grotowski.

Outras máquinas teóricas do pensamento desejante serão as dos comentadores/pesquisadores que vêm se dedicando a uma vigília de conhecimento minucioso acerca das teorias principais aqui mencionadas. Um apoio/aporte teórico dignamente disponibilizado por Daniel Lins, Tatiana Levy, Regina Schöpke, Peter Pál Pelbart, Cassiano Quilici e Kuniichi Uno.

Este estudo se estrutura inicialmente em três capítulos, onde se passará pela dobra, (des)dobra e (re)dobra para uma abordagem do corpo, percorrendo pelas teorias desterritorializantes da Filosofia da Diferença, a partir das quais se investigará e propor-se-á, como já dito, a cartografia de um pensamento da Crueldade à uma performance do CsO. Para os capítulos em questão, se tráfegará pelas obras dos Mil Platôs de Deleuze e Guattari.

Quando se fala ou se pensa em Crueldade, logo se desprende o juízo de valores, bom e mal, e em seguida, a Crueldade é tachada como mal. No entanto, o que pensamos ser Crueldade, em Artaud, é Crueldade mesmo. Crueldade, como já discorrido, contra o sistema, contra o indivíduo em seu conformismo, Crueldade que incomoda porque desbota o não aceito, o não permitido, o ex-centrico, o grotesco de uma sociedade tida como sublime demais, Crueldade que estraçalha o corpo libertando-o de seu organismo, fazendo dele uma potente máquina do desejo. Assim como nos pontua Salles,

pode-se dizer que os objetivos do Teatro da Crueldade são: 1) Ampliar as fronteiras da realidade na qual se exerce a vida; 2) Desorganizar aparências, derrubar preconceitos, fazer emergir verdades secretas e não imaginadas; 3) Produzir imagens físicas violentas, baseada na idéia de ações extremas que provoquem os sentidos e toquem a alma do espectador; 4) Provocar na humanidade um desejo de mudança, remexendo paisagens internas (SALLES, 2004, p. 51).

Deve-se ao fato da Crueldade ser potência desterritorializante que ela se faz fluxo a adentrar o corpo, embaralhando-o. Embaralhando e botando para fora todos os automatismos, tudo aquilo que não compete a uma ruptura totalizante e criativa desse corpo. Sendo assim, o corpo é afetado por essa potência da Crueldade, tornando-se Corpo sem Órgãos. As duas palavras conclusivas da terminologia desse conceito, ‘sem órgãos’, deve-se à invasão da Crueldade. Corpo sem Órgãos participa do fluxo vital da Crueldade e esta por sua vez participa do tratado de nomadologia do CsO.

O teatro da crueldade, teatro da imanência, é o desenvolvimento desse combate entre a imanência e as miragens do pensamento, de forma a liberar o Corpo sem Órgãos. Por isso os dois sentidos da Crueldade: primeiro, a guerra de extermínio a todas as formas de pensamentos que asfixiam o corpo num plano de organização que constitui o organismo. [...] O segundo diz respeito à reconstituição de um novo homem, à elaboração de um corpo puro. [...] Por sua vez, o *Teatro da Crueldade* é o duplo do *Corpo sem Órgãos*, posto que é também a reversão de toda a representação na ordem da *produção de desejante* (CARDOSO, 2006, p. 73, 74, grifos do autor).

Nesse ensejo, tem-se a oportunidade de traçar uma performance que se performatiza na travessia que vai da Crueldade ao Corpo sem Órgãos ancorados em mares sem superfície para suas âncoras, onde o diálogo monta e se desmonta em uma frenesia de descobertas, de experimentação, de duelo, mais de desencontros que de encontros, de afetações, ou melhor, de contaminações, infecções, de supuração que libera as secreções.

Pensar este trabalho, dentro desse escoamento pertinente aos conceitos de Crueldade e CsO, implica a necessidade de uma extensão do pensamento que se prolonga ao infinito. Para tanto, a estrutura/estética da dissertação se dará pelas dobras abordadas por Deleuze, e tal fato, pensando no terreno desterritorializado desse estudo, é mais que uma necessidade, é uma via para oportunizar o diálogo com outros pensadores/pesquisadores, pois o termo em questão “é a potência como condição de variação”, e ainda, “a própria potência é ato, é o ato da dobra” (DELEUZE, 1991, p. 37), onde o leitor, escritor, e pesquisador “experimenta. Embaralha os códigos, produz linhas de fuga para não morrer sufocado pelas significações que ditam aquilo que se deve sentir ou imaginar” (LINS, 2009, p. 58).

Esse trabalho, com suas dobras, ou seja, com suas plasticidades, pode também ser considerado um devir constante-pesquisa, sendo assim, o que Deleuze chamou de Devir, ou acontecimento, Foucault de atual e Nietzsche de intempestivo ou inatual (PELBART, 1993), segue, pela dobra, numa relação que agrupa uma infinidade de partes, partes estas que compõe, decompõe e modifica o indivíduo em um jogo de potência, de (des)função muito importante nos processos de devires, que desestrutura as estruturas do ser em um agenciamento de seres, caminha no Aion, tempo indefinido do acontecimento. O Devir como

princípio de proximidade ou de aproximação é inteiramente particular, e não reintroduz analogia alguma. Ele indica o mais rigorosamente possível uma *zona de vizinhança ou de co-presença* de uma partícula, o movimento que toma toda partícula quando entra nessa zona (DELEUZE, GUATTARI, 2012, p. 67, grifos do autor).

Portanto, pensar o Devir nas condições das dobras ao infinito, partindo de uma linha de fuga, coloca em pauta, neste trabalho, a questão, “o que pode um corpo?” (SPINOSA, 2009). O Corpo, transitando dentro do universo da Diferença, se reflete no que Deleuze chamou de longitude e latitude (2012, p. 49), e, no que propõe Artaud, com o seu pensamento acerca do CsO. “Criar espaços para a vida, eis o que evoca a idéia do “corpo sem órgãos”” (QUILICI, 2004, p.199, grifos do autor). É sob os tais conceitos, interligados, que se debruçará a pesquisa acerca deste termo. Corpo que se estende, que se desterritorializa, o

trans-sensível, que destrói, pois segundo Nietzsche, sem a destruição não há processo criador (DIAS, 2011).

No viés das Performances, tanto na introdução, quanto no desenvolvimento do trabalho, e em sua (in)conclusão, tratar-se-á de uma Performance vinculada às escrituras filosóficas de Artaud, Nietzsche, Deleuze e Derrida, que podem ser considerados performers do pensamento, proponentes de obras performáticas e que participam de uma Performance da Diferença. Performance como uma arte do Fora. A Diferença, nessa perspectiva performática, “é aquilo que faz com que algo seja diverso” (SCHÖPKE, 2004, p. 149), e o Fora, como uma linha não fixa, mas “uma matéria móvel, animada de movimentos peristálticos, de pregas e de dobras” (LEVY, 2011, p. 90).

## 5 - METODOLOGIA

O presente projeto de mestrado tem como primado fornecer subsídios para uma tessitura satisfatória da dissertação de mestrado, para tanto, elucida-se o contexto epistemológico em que esta estará embasada. Inicialmente a pesquisa poderá ser considerada como exploratória, visto que todo estudo parte de um levantamento de dados acerca do assunto a ser aprofundado. No entanto, ao que tange à sua abordagem, a mesma será qualitativa, ou seja, trabalhará “com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (GERHARDT, SILVEIRA, 2009, p. 32) e terá como naturezas metodológicas a pesquisa bibliográfica e o método dialético.

Uma pesquisa bibliográfica é “aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.” (SEVERINO, 2007, p. 122) e o método dialético

parte da premissa de que, na natureza, tudo se relaciona, transforma-se e há sempre uma contradição inerente a cada fenômeno. Nesse tipo de método, para conhecer determinado fenômeno ou objeto, o pesquisador precisa estudá-lo em todos os seus aspectos, suas relações e conexões, sem tratar o conhecimento como algo rígido, já que tudo no mundo está sempre em constante mudança (PRODANOV, FREITAS, 2013, p. 35).

Levar-se-á também em consideração, para um aprofundamento artístico dessa proposta de uma Performance Profana do Corpo em Cena, tendo como fundamento o conceito de Corpo Sem Órgãos, das filosofias de Artaud e Deleuze, minhas vivências com o teatro e a

dança, onde, “além do conhecimento discursivo, obtido pela dedução e indução, há também aquele que é obtido através da observação e experimentação que se fundam na percepção sensorial” (SANTAELLA, 2001, p. 105).

#### **A pesquisa se desdobrará em três momentos:**

- **Primeiro momento:** Cartografar Nietzsche e sua cultura/postura/máscara da Crueldade. Situar os traços cruéis dessa filosofia tendo como respaldo a morte de deus na obra, “Assim falou Zaratustra” e “A Gaia Ciência”. Nesse momento, subsidiado pela filosofia do filósofo em questão, discutir-se-á acerca do nascimento da tragédia tendo como vias de discussão Apolo e Dionísio; da transvaloração dos valores; da genealogia da moral. Fazer uma leitura de Nietzsche pela perspectiva de Deleuze (O Trágico e a alegria como Crueldade)
- **Segundo Momento:** Cartografar o CsO de Artaud; aprofundar o presente conceito na amizade entre Artaud-Deleuze; situar o CsO em duas vertentes deleuzeanas: uma mais desejanse, na obra “O anti-Édipo”, e outra mais estética, na obra “Mil Platôs vol. 3”.
- **Terceiro Momento:** Cartografar a Crueldade de Artaud. Revisitar o cenário da Desconstrução de Derrida, pois nessa filosofia há um olhar artaudiano acerca do fechamento da representação, do Teatro da Crueldade.

#### **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

- **LEVANTAMENTO DE DADOS:** serão utilizadas neste trabalho, fontes como livros, artigos e materiais audiovisuais relacionados à abordagem que este estudo se propõe.
- **REVISÃO DA LITERATURA** (ou Levantamento Bibliográfico): a atualização da revisão da literatura será realizada com o processo de feitura do trabalho, pois o referencial teórico apresentado no projeto é apenas um levantamento bibliográfico inicial.



- **DELIMITAÇÃO DO REFERENCIAL TEÓRICO E EPISTEMOLÓGICO:** com base no sumário apresentado, delimitar obras que abordam o conceito de Crueldade e CsO, a Performance da Diferença, as Filosofias performáticas de Artaud e Deleuze.
- **ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS:** os dados serão analisados de forma qualitativa, por meio de leituras, fichamentos, reflexões e estudos orientados.
- **VIVÊNCIAS:** o trabalho a ser dissertado será um diálogo entre o estudo prático que venho realizando e as teorias selecionadas.
- **FORMA DE APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS:** os resultados obtidos serão divulgados através de comunicações em eventos, de produção de artigos em revistas especializadas, da escrita e defesa da dissertação e da publicação em livro.

## 6 - PLANEJAMENTO DE REALIZAÇÃO

<b>ATIVIDADES</b>	<b>Início</b>	<b>Término</b>
<b>Levantamento bibliográfico</b>	MAR/2015	ABR/2015
<b>Apresentação e discussão do levantamento bibliográfico com o orientador.</b>	ABR/2015	ABR/2015
<b>Skimming do levantamento bibliográfico</b>	ABR/2015	MAI/2015
<b>Leitura intensiva e fichamento da bibliografia selecionada</b>	SEMPRE	SEMPRE
<b>Reunião com o orientador</b>	SEMPRE	SEMPRE
<b>Disciplinas obrigatórias, optativas e eletiva</b>	MAR/2015	DEZ/2015
<b>Participação em congressos e</b>		

<b>seminários e redação de trabalhos</b>	ABR/2015	JUN/2016
<b>Formulação e escrita do Primeiro capítulo.</b>	JUL/2015	OUT/2015
<b>Entrega do capítulo I ao orientador e correções</b>	NOV/2015	NOV/2015
<b>Escrita do segundo capítulo.</b>	DEZ/2016	MAR/2016
<b>Entrega do capítulo II ao orientador e correções</b>	MAR/2016	MAR/2016
<b>Qualificação</b>	ABR/2016	ABR/2016
<b>Correções dos capítulos 1 e 2 e escrita do terceiro capítulo.</b>	MAI/2016	AGO/2016
<b>Entrega do capítulo III ao orientador e correções</b>	SET/2016	SET/2016
<b>Escrita da introdução e conclusão.</b>	SET/2016	NOV/2016
<b>Conclusão da dissertação e entrega à banca</b>	NOV/2016	DEZ/2016
<b>Defesa e correções finais</b>	JAN/2017	FEV/2017

## 7 - SUMÁRIO

### DOBRA INTRODUTÓRIAS

#### I - DOBRA - Nietzsche e a Máscara da Crueldade

- I.I - Dionísio, Deus Cruel e Trágico
- I.II - A morte de Deus, do Sujeito e do Homem
- I.III - O Trágico e a Alegria como Crueldade

## **II - (DES)DOBRA - Teatro da crueldade e o Fechamento da Representação**

- II.I - O Platô Artaud-Derrida
- II.II - Crueldade como acontecimento
- II.III - O Teatro e o Duplo

## **III - (RE)DOBRA - O Corpo sem Órgãos e Desejo Cruel**

- III.I - O Platô Deleuze-Artaud
- III.II - Para por fim ao juízo de Deus
- III.III - Estética da Diferença

## **DOBRAS (IN)CONCLUSIVAS**

## **8 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARTAUD, Antonin. **Para terminar com el juicio de dios y otros poemas**. Trad.: María Irene Bordaberry. Buenos Aires: Ediciones Caldeón, 1975.

\_\_\_\_\_. **Para acabar de vez com o juízo de Deus seguido de O teatro da Crueldade**. Trad.: Luiza Neto Jorge e Manuel João Gomes. Lisboa: & etc, 1975.

BRITO, Nathália de Sá. **Estudo do mito no teatro da crueldade de Antonin Artaud**. Dissertação (Mestrado em Teatro) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

CARDOSO, Ricardo Cezar. **Antonin Artaud: por uma metafísica cruel**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Rio de Janeiro, 2006.

DELEUZE, Gilles. **A dobra: Leibniz e o Barroco**. Trad.: Luíz B. L. Orlandi. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

\_\_\_\_\_. **Crítica e Clínica**. 2ª ed. Trad.: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011.

\_\_\_\_\_. **Diferença e Repetição**. Trad.: Luiz Orlandi e Roberto Machado. Lisboa: Relógio d'Água, 2000.

- \_\_\_\_\_. **Nietzsche**. Trad.: Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Nietzsche e a filosofia**. Trad.: António M. Magalhães. 2ª ed. Porto: Rés-Editora, 2001.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Vol. 4. Trad.: Suely Rolnik. São Paulo, Editora 34, 2012.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 3. Trad.: Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1996.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **O que é a filosofia?** Trad.: Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad.: José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio d'Água, 2004.
- DIAS, Rosa. **Nietzsche, vida como obra de arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Trad.: Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- \_\_\_\_\_. **O Corpo utópico**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/43645006/O-Corpo-Utopico-FOUCAULT-Michel>. Acesso em 11 de junho de 2015.
- FREITAS, Maísy de Medeiros. **Antonin Artaud: por uma cultura da crueldade**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Natal, 2010.
- GERHARDT, Engel; SILVEIRA, Tolfo Denise. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- LINS, Daniel. **Por uma leitura rizomática**. (2009) Acesso em: 01 de fevereiro de 2015. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/historia/article/view/10819>.
- MACHADO, Roberto. **Arte, ciência, filosofia**. In: Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. 18ª ed. Trad.: Mario da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- \_\_\_\_\_. **O nascimento da tragédia, ou helenismo e pessimismo**. Trad.: Jacó Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PELBART, Peter Pál. **A nau do tempo-rei**: sete ensaios sobre o tempo da loucura. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUILICI, Cassiano Sydow. **Antonin Artaud**: teatro e ritual. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2004.

SALLES, Nara. **Sentidos: UMA INSTAURAÇÃO CÊNICA** - Processos criativos a partir da poética de Antonin Artaud. Tese de Doutorado - Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SCHECHNER, Richard. **Performers e Espectadores**: Transportados e Transformados. In Revista Moringa Artes do Espetáculo. Vol 2. N1 (2011). Acesso em: 15 de maio de 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/moringa/article/viewFile/9993/5473>.

SCHÖPKE, Regina. **Por uma filosofia da diferença**: Gilles Deleuze, o pensador nômade. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Edusp, 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Trad.: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. Trad.: Caio Liudvik. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

## 9 - BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

BRITO, Nathália de Sá. **Estudo do mito no teatro da crueldade de Antonin Artaud**. Dissertação (Mestrado em Teatro) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

CABRAL, Judson forlan Gonzaga Cabral. **O teatro da crueldade de Antonin Artaud**: a dimensão política na vida. Simpósio Nacional de História, 2013.

CARDOSO, Ricardo Cezar. **Antonin Artaud**: por uma metafísica cruel. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Rio de Janeiro, 2006.

CURTY, Vanessa. **O teatro Artaudiano e a zona intersticial de uma lógica esquecida.** Revista de História e Estudos Culturais, 2006.

DUMOULIÉ, Camille. **Antonin Artaud e o teatro da crueldade.** Trad.: Sylvie Lins. 2001.

FREITAS, Maísy de Medeiros. **Antonin Artaud: por uma cultura da crueldade.** Dissertação (Mestrado em Ciência Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Natal, 2010.

GALENO, Alex. **A crueldade do Corpo: Antonin Artaud.** Congresso Brasileiro de Sociologia, 2005.

KIFFER, Ana. **Artaud, momo ou monstro?** Lugar comum, 2008.

\_\_\_\_\_. **Expressão ou Pressão?** Desfiguração Poético-Plásticas em Antonin Artaud. Lugar comum.

LAGE, André. **O teatro segundo Artaud ou a reinvenção do corpo.**

MARCELO, Wuldson. **Antonin Artaud liberto das amarras do Juízo: o corpo sem órgãos como crítica ao pensamento ocidental.** Revista entrelinhas, 2013.

OLIVEIRA, Filipi Gradim. **Artaud e a dança do corpo sem Deus.** O percevejo online, PPGAC/UNIRIO, 2010.

PENIDO, L. H. C. **O cruel e o Trágico: o retorno do trágico no teatro da crueldade de Antonin Artaud.** Tese de Doutorado - Universidade Federal de Minas Gerais - Faculdade de Letras - Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Belo Horizonte, 2014.

QUEIROZ, André Luís dos Santos. **O teatro Artaudiano ou a metafísica da carne.** O que nos faz pensar, 1991.

SALLES, Nara. **Sentidos: UMA INSTAURAÇÃO CÊNICA - Processos criativos a partir da poética de Antonin Artaud.** Tese de Doutorado - Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

TEIXEIRA, Ana. **O teatro da cura cruel.** Interface, 1999.

UNO, Kuniichi. **Por que é o corpo sem órgãos.** Trad.: Cíntia Vieira da Silva. Alegrar, 2014.

VITTORI, Ceres. **Antonin Artaud: performance como poesia do corpo sonoro.** Cadernos do IL, Porto Alegre, 2012.

## 10 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALLIEZ, Éric. **Deleuze filosofia virtual**. Trad.: Heloisa B. S. Rocha. São Paulo: Ed. 34, 1996.

ARTAUD, Antonin. **A Arte e a Morte**. Trad.: Aníbal Fernandes. Lisboa: Hena Editora, 1985.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e vida**. Orgs.: Jacó Guinsburg, Sílvia Fernandes Telesi e Antônio Mercado Neto. São Paulo: Perspectiva, 1970.

\_\_\_\_\_. **O teatro e seu duplo**. Trad.: Teixeira Coelho. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

AZEVEDO, Sônia Machado de. **O papel do corpo no corpo do ator**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BARBA, Eugênio. **A canoa de Papel: tratado de antropologia teatral**. Trad.: Patrícia Alves Braga. Brasília: Teatro Caleidoscópio, 2009.

BONFITTO, Matteo. **Entre o ator e o performer: alteridades, presenças, ambivalências**. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2013.

BROOK, Peter. **O ponto de mudança: quarenta anos de experiências teatrais**. Trad.: Antônio Mercado e Elena Gaidano. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

\_\_\_\_\_. **O teatro e seu espaço**. Trad.: oscar Araripe e Tessy Calado. Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada, 1970.

CAMARGO, R.; CAPEL, H.; REINATO, E. **Performances Culturais**. São Paulo: Ed. Hucitec, 2011.

CARLSON, Marvin. **Performance: uma introdução crítica**. UFMG: Belo Horizonte, 2010.

COHEN, Renato. **Performance como Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CORREIA, Paulo Petronílio. **Corpo-Transe no Candomblé: performance e cotidiano**. Disponível em <http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/247/287>. Acesso em: 18 de setembro de 2014.

\_\_\_\_\_. **Gilles Deleuze e as Dobras do Sertão**. Goiânia: PUC-GO: Kelps, 2011.

\_\_\_\_\_. **Performances de um corpo infame: dança e Cultura**. Acesso em: 25 de janeiro de 2015. Disponível em: <[artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/657](http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/657)>.

\_\_\_\_\_. **Signo como performance e performatividade da linguagem**. Revista Artefactum, 2015.

\_\_\_\_\_. **Gilles Deleuze e a linguagem esquizo**. In NONADA. Porto Alegre- Editora Uniritter, 1997.

CURI, Alice Stefânia. **Traços e devires de um corpo cênico**. Brasília: Ed. Dulcina, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Trad.: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Espinosa: filosofia prática**. Trad.: Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

\_\_\_\_\_. **Foucault**. Trad.: Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche e a filosofia**. Trad.: Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

\_\_\_\_\_. **O ato de criação**. Acesso em 17 de fevereiro de 2015. Disponível em: <http://www.filozar.com.br/filosoficos/Deleuze/Gilles%20Deleuze%20%20O%20ato%20de%20Cria%C3%A7%C3%A3o.pdf>.

\_\_\_\_\_. **Sobre o teatro: Um manifesto de menos; O esgotado**. Trad.: Fátima Saadi, Ovídio de Abreu, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 1. Trad.: Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Trad.: Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.

\_\_\_\_\_; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad.: José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2004.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Trad.: Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

\_\_\_\_\_. **Gramatologia**. Trad.: Míriam Schnaiderman e Renato Janini Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973.

\_\_\_\_\_. **Margens da filosofia**. Trad.: Joaquim Torres Costa e Antônio M. Magalhães. Campinas, SP: Papirus, 1991.

\_\_\_\_\_. **Pensar em não ver - escritos sobre as artes do visível (1979-2004)**. Trad.: Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Editora UFSC, 2012.

HEUSER, Ester Maria Dreher. **Pensar em Deleuze: violência e empirismo no ensino da filosofia**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad.: Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **A Hermenêutica do sujeito**. Trad.: Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.



\_\_\_\_\_. **Estratégia, Poder-Saber.** Trad.: Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **Ética, sexualidade, política.** 2ª ed. Trad.: Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** 38ª ed. Trad.: Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GIL, José. **Metamorfoses do Corpo.** 2ª ed. Trad.: Maria Cristina Meneses. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997.

\_\_\_\_\_. **Movimento total: o Corpo e a Dança.** Trad.: Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2001.

GREINER, Christine Org.; AMORIM, Claudia, Org. **Leituras do corpo.** 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2010.

GROTOWKI, Jerzy. **Em busca de um teatro pobre.** Trad.: Aldomar Conrado. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

\_\_\_\_\_. **Performer.** Trad.: Thomas Richards e João Garcia Miguel. Disponível em <textoavoltadaperformance.blogspot.com.br/2010/01/performer.html> Publicado em 23 de janeiro de 2010.

\_\_\_\_\_. **O teatro laboratório de Jerzy Grotowski 1959-1969/ textos e materiais de Jerzy Grotowski e Ludwik Flaszen com escritos de Eugênio Barba.** Trad.: Berenice Raulino. São Paulo: Perspectiva: Sesc; Pontedera, IT: Fondazione Pontedera Teatro, 2007.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: Um novo paradigma estético.** Trad.: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

HEUSER, Ester Maria Dreher. **Pensar em Deleuze: violência e empirismo no ensino da filosofia.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

JEUDY, Henri-Pierre. **O corpo como objeto de arte.** Trad.: Tereza Lourenço. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

KRISHNAMURTI, J. **A libertação dos condicionamentos.** Trad.: Hugo Veloso. Rio de Janeiro: ICK, 1977.

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento.** Trad.: Anna Maria Barros de Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1978.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas.** Trad.: Alfredo Veiga-Neto. 5ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LINS, Daniel. **Antonin Artaud: o artesão do corpo sem órgãos.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

\_\_\_\_\_. **Dança e filosofia.** Acesso em 01 de fevereiro de 2015. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/3970>.

\_\_\_\_\_. **Mangue's school ou por uma pedagogia rizomática.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1229-1256, set/dez 2005.

LINS, Daniel; GADELHA, Sylvio, Orgs. **Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

MARTON, Scarlett. **Extravagâncias. Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche.** 3ª ed. São Paulo: Discurso Editorial e Editora Barcarolla, 2009.

NASCIMENTO, Evandro. **Derrida e a Literatura: notas de literatura e filosofia nos textos de desconstrução.** Niterói: EdUFF, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência.** Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Humano, Demasiado Humano.** 3ª ed. Trad.: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Editora Escala.

PELBART, Peter Pál. **Da clausura do Fora ao Fora da clausura.** São Paulo: editora brasiliense, 1989.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura.** São Paulo: Paulus, 2004.

SCHECHNER, Richard. **O que é performance.** In: Performance studies: an introduction, second edition. New York & London: Routledge, p. 28-51. 2006. Disponível em: [http://www.performancesculturais.emac.ufg.br/up/378/o/O\\_QUE\\_EH\\_PERF\\_SCHECHNER.pdf](http://www.performancesculturais.emac.ufg.br/up/378/o/O_QUE_EH_PERF_SCHECHNER.pdf).

STANISLAVSKI, Constantin. **A preparação do ator.** Trad. Pontes de Paula Lima. 18ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

\_\_\_\_\_. **A construção da personagem.** Trad.: Pontes de Paula Lima. 17ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

VAN GENNEP, Arnold. **Os Ritos de Passagem.** Petrópolis: Vozes, 2011.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze.** Trad.: André Telles. Rio de Janeiro, 2004.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção e Leitura.** São Paulo: Cosac Naif, 2007.